COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VOLPI, Jose Henrique; FLORIANI, Dimas; LESZCZYNSKI, Sonia Ana Charchut. Ecopsicologia e Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

ECOPSICOLOGIA E PSICOLOGIA CORPORAL

Jose Henrique Volpi Dimas Floriani
Sonia Ana Charchut Leszczynski

RESUMO

Ao longo dos tempos, consolidou-se um distanciamento do ser humano em relação ao meio ambiente, que passou a explorá-lo de forma hostil e despreocupada, sem levar em conta que um dia os recursos naturais podem faltar aos seus descendentes. Os avanços tecnológicos, aliados aos valores estabelecidos por uma sociedade consumista, provocam impactos tanto no ambiente quanto no ser humano, colocando o planeta frente a uma grande crise ambiental que precisa com urgência ser resolvida. Esses impactos, somados ao comportamento cruel do ser humano em relação aos animais propõem como desafio o desenvolvimento de novos conhecimentos que possam modificar hábitos e valores em relação ao meio ambiente, de forma a possibilitar uma relação de harmonia e respeito com os animais e com a natureza, em busca de um desenvolvimento sustentável. A partir desse desafio, desenvolvi minha tese de doutorado que teve por objetivo maior inserir a psicologia, num enfoque reichiano, na discussão da problemática ambiental, evidenciando a possibilidade de uma aproximação e diálogo com a ecologia para que de forma interdisciplinar possam pensar em alternativas para a problemática ambiental/ecológica.

Palavras-chave: Ecologia. Ecopsicologia. Interdisciplinaridade. Psicologia Ecológica. Reich.

O interesse que sempre tive pelo comportamento humano, levou-me a cursar a faculdade de psicologia, algumas especializações na abordagem corporal e um mestrado em psicologia da saúde. Como psicólogo clínico, por diversas vezes atendo em meu consultório pacientes que apresentam um comportamento de descuido ou até mesmo de hostilidade com seu próprio corpo, com sua saúde física e emocional, com outras pessoas, sejam elas crianças, adolescentes, adultos ou idosos, com os animais e com a natureza em geral. Essas atitudes de descaso com os animais e com o meio ambiente foram cada vez mais chamando a minha atenção para o fato de que algo deveria ser feito em relação a isso. Foi quando busquei um doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, oferecido pela Universidade Federal do Paraná, acreditando que a proposta interdisciplinar me permitisse explorar um pouco mais a relação entre o comportamento humano, a ecologia e o meio ambiente.

Fato curioso, e também motivo de preocupação, se deu quando muitos colegas de profissão se mostravam surpresos com mi nha escolha, não compreendendo quais os objetivos de um psicólogo propor a si mesmo essa discussão entre psicologia e ecologia. Isso pode demonstrar a atual distância entre essas duas áreas do saber, ainda que seja clara a necessidade de uma visão globalizada em um mundo cada vez mais sem fronteiras. De imediato, a pergunta que sobreveio foi: estará a psicologia muito encerrada em suas próprias subjetividades, o que a impede de lançar

verdadeiramente seu olhar sobre um ser humano integral do ponto de vista bio-psico-socio-cultural, ainda que se proponha constantemente a tal? Ou terá sido a ecologia que não vislumbrou ainda a natureza no ser humano também pelo aspecto emocional, e por esse motivo, não recorreu à compreensão desse ser humano tanto quanto se propõe a compreender os processos da natureza? Acredito que ambas as questões são procedentes.

Assim, a proposta de minha tese teve dois recortes específicos: 1) descobrir o que faz o ser humano ser tão descuidado com o meio ambiente, ser tão cruel com os animais, com as plantas e com o planeta onde vive; 2) estabelecer um diálogo entre a psicologia e a ecologia, numa junção que chamei de Ecopsicologia. Iniciei minha pesquisa pelo estudo cuidadoso da Lei de Crimes Ambientais nº 9.605/98 (IBAMA, 2006) e de notícias veiculadas na internet que tratavam de questões ligadas as proposta do item 1. Utilizei para essa pesquisa dois grandes jornais: Gazeta do Povo (2005) e Folha de São Paulo (2006). Fazendo uso da metodologia da Análise de Conteúdo, tendo como guia os referenciais da Análise Temática e Análise de Conteúdo propostas por Bardin (1977), organizei a tese em capítulos, que se constituíram alguns dos fundamentos epistemológicos da Ecopsicologia, que apresento resumidamente a seguir.

1. Estabelecer uma relação interdisciplinar entre a ecologia e a psicologia para se discutir a problemática ecológica

A preocupação ambiental em prol da preservação do planeta, resultou na organização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, a partir da qual surgiram declarações diplomáticas genéricas e a criação de um novo campo de política internacional: a ecodiplomacia. A ênfase dessas discussões recaiu sobre o aumento da qualidade de vida por meio de modelos capazes de evitar a degradação ambiental e a exaustão dos recursos naturais, apontando os seres humanos como o centro das preocupações relacionadas com o desenvolvimento sustentável. A partir dessas preocupações, evidenciamos a real possibilidade da inserção da psicologia[1] nas discussões ambientais de forma a aproximar o diálogo com a ecologia (NAESS, 1973), numa proposta interdisciplinar.

2. Inserir a psique humana como parte integrante da natureza, voltando nossos olhares para a pulsação energética e a prevenção da neurose de forma a também precaver o comportamento humano destrutivo frente à natureza

A relação do ser humano com a natureza, como um sentido de unidade, expressão de uma

[1] No âmbito da psicologia, embasaremos nossa discussão na Orgonomia de Wilhelm Reich; no campo da ecologia, à ecologia profunda de Arne Naess.

mesma energia que preenche todo o espaço cósmico e se expressa em diferentes concentrações, movimentos e formas mostra, como na visão reichiana é possível entender o organismo humano e a natureza como sendo manifestações de uma mesma energia, denominada por Reich de Orgone (1973), sem dualismos como propõe o pensamento cartesiano. Da mesma forma, é possível afirmar que neurose pode ser um dos fatores que também contribui em grande parte pelas catástrofes ecológicas, sendo a patologia o que nos impede de relacionarmos com a natureza de forma mais saudável.

Há várias formas para alcançarmos essa compreensão, sendo que na visão reichiana isso se dá pelo estudo do caráter (REICH, 1975), da couraça e da energia orgone (REICH, 1975). Isso explica porque determinados comportamentos, atitudes, valores, que aos olhos de algumas pessoas podem ser vistos como aceitáveis, para outros, podem ser vistos como inaceitáveis, doentios, cruéis, contribuindo, assim, para a exploração e o distanciamento da natureza.

Combater a educação moralista, repressiva e neurótica, libertando as pessoas de seus hábitos culturais e valores "neuróticos", de suas couraças e de seus traços neuróticos de personalidade e de caráter, oferecendo a todos a possibilidade da auto-regulação, da pulsação e aproximação da natureza de forma a se sentir não apenas como fazendo parte da natureza, mas sendo a natureza

Há um evidente distanciamento do ser humano em relação à natureza e um aumento da exploração que esta vem sofrendo ao longo dos tempos, sem que levar em conta que um dia esses recursos naturais podem faltar aos nossos descendentes. Não resta dúvida de que a relação entre o ser humano e a natureza envolve dimensões culturais, sociais e psíquicas. Tendo em vista que no decorrer dos tempos houve um afastamento que permitiu uma dualidade entre ambos, é urgente repensar no resgate dessa conexão, de forma a garantirmos o futuro da humanidade e de toda forma de vida no planeta. Mas acreditamos que isso só será possível mediante uma mudança de valores e de comportamento, de forma a sensibilizá-lo para a problemática ambiental e ecológica. Assim, compreender e combater a educação moralista, repressiva e neurótica para que estejamos livres das couraças, além de modificar alguns hábitos culturais e valores "neuróticos", pode nos aproximar de nossa natureza interna, de nossos afetos e sentimentos, e consequentemente, da natureza externa a nós.

3. Modificar os hábitos de consumo compulsivo que afetam a natureza de forma que as pessoas aprendam que mais do que consumir é preciso saber consumir

Os valores éticos e morais e o estado psicológico do ser humano foram abalados de tal forma que a competição e os hábitos de consumo viraram rotina nesse mundo moderno, sem considerar os efeitos que isso tudo poderá ter para as gerações futuras, provocando sérios danos ao meio

ambiente. Assim, o modelo hegemônico de sociedade baseado no consumo em grande escala, no desenvolvimento tecnológico e na exploração dos recursos naturais, além de afastar o ser humano da natureza, provoca profundos desequilíbrios de ordem bio-psico-sócio-cultural. O estresse passou a ser visto como o carro-chefe da modernidade e por conseqüência, o aumento das doenças físicas e emocionais (SELYE, 1974). Se por um lado, alguns avanços tecnológicos propiciaram até mesmo uma melhor qualidade de vida, por outro, provocaram danos irreparáveis tanto para os seres humanos quanto para a natureza, como é o caso do aquecimento global e do aumento do buraco na camada de ozônio. Trata -se na verdade de um mundo novo e moderno que se encontra em crise e precisa urgentemente ser entendido e tratado por diversas áreas do saber.

Os avanços tecnológicos são de extrema importância, mas o problema maior é saber fazer uso dos mesmos. Portanto, mais do que nunca, é importante pensarmos na necessidade de uma mudança de comportamento que deveria passar não apenas pelo aspecto cognitivo, mas principalmente, pelo aspecto emocional.

4. Tratar dos distúrbios psicopatológicos e dos desvios de caráter, os maiores responsáveis pela agressão aos animais e ao meio ambiente, de forma a fortalecer os vínculos dessas pessoas com a natureza

Não é raro ouvirmos notícias de atrocidades acometidas com os animais que continuam sendo neurotizados e usados apenas para divertimento dos seres humanos. Os conceitos de saúde e doença ecológica e de saúde e doença mental, indicam que a perturbação ao ecossistema é também decorrente do descontrole emocional do ser humano. Assim, a saúde emocional é tão importante quanto a saúde física e precisa também ser compreendida pelas outras áreas do saber como um recurso auxiliar na compreensão de inúmeros comportamentos, principalmente daqueles que dizem respeito aos maus-tratos aos animais e à natureza. É essa saúde mental que está vinculada à ecologia, ou seja, à forma com que os seres humanos lidam com o meio ambiente e com tudo o que dele faz parte.

O ser humano comete atos que são considerados crimes pela Lei de Crimes Ambientais, mas que a favor dos quais a impunidade ainda impera, fruto de uma sociedade que ainda não adquiriu uma consciência e uma sensibilidade ecológica, requisitos básicos para se formar uma identidade ecológica. Portanto, a saúde emocional também precisa ser discutida nas questões ecológicas e ambientais. Desenvolver uma psicologia de massas que trabalhe em prol de uma consciência ecológica e de uma identidade ecológica, e por conseqüência, promover uma mudança de caráter

É mais do que urgente a necessidade da criação de programas que contribuam para a formação de uma identidade ecológica, bem como de uma educação ambiental voltada ao despertar

das habilidades, aptidões, interesses, permeados pelo resgate de valores e não por imposições. Educar deveria ser um processo de transformação, sem esquecer que o bom estado emocional do educador poderia ser visto como um pré- requisito fundamental para um contato verdadeiro com o educando. Sendo assim, alertamos para que quanto mais o educador tiver compreensão de seus próprios traços de caráter e dos traços de caráter de seus educandos, mais facilmente poderá lidar com distintas situações presentes no dia a dia da educação. Essa compreensão poderia ser uma ferramenta útil a colaborar com a educação ambiental, visto que a riqueza da interdisciplinaridade está na troca de conhecimentos.

Acreditamos que hoje se faz necessário não apenas ofertarmos uma Educação Ambiental intelectualizada, mas sim, feita com base no resgate das sensações. É preciso sentir, incorporar esse sentimento para depois pensar e em seguida colocar em prática.

Estabelecer os fundamentos epistemológicos para uma ecopsicologia, pode ser uma discussão longa e praticamente interminável, pelo menos temporariamente. Estou ciente de que em minha tese poderia levantar inúmeros outros fundamentos que também pudessem sustentar um diálogo entre a ecologia e a psicologia, mas a proposta inicial é lançar as bases para o início dessa discussão e não se estender em comentários intermináveis. Portanto, cabe ressaltar que a presente tese consistiu em uma investigação preliminar sobre as bases epistemológicas que pode se constituir numa nova disciplina, denominada ecopsicologia, e que por se tratar de uma pesquisa interdisciplinar, deve ser complementada por pesquisas futuras.

A compreensão da problemática ambiental e ecológica exige uma visão epistemológica que pressupõe um enquadramento interdisciplinar e não separatista. Isso significa que necessitamos construir uma disciplina que possa viabilizar o diálogo entre a ecologia e a psicologia, a fim de discutirmos esses problemas que são de ordem comportamental/afetiva e que afeta a todos. Sou da opinião de que a partir disso, sejamos capazes de apontar possíveis caminhos que possam ser seguidos em direção à resolução dos mesmos.

É meu desejo que esse estudo possa contribuir não só para a psicologia e a ecologia, como também para várias outras áreas e pesquisadores que assim como eu, se sentem desconfortáveis com a questão ecológica e ambiental que vem enfrentando nosso planeta.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977

FOLHA SE SÃO PAULO *ONLINE*. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/>, 2006

GAZETA DO POVO *ONLINE*. Disponível em: <http://canais.ondarpc.com.br/noticias/>, 2005.

IBAMA. **Lei de Crimes Ambientais** - Nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/leiambiental/home.htm> Acesso em: 09/09/2006

NAESS, A. **The Shallow and the Deep, Long-Range Ecology Movement:** A Summary. 1973, Inquiry 16, p. 95-100

REICH, W. **The câncer biopathy.** New York: Farrar, Straus and Giroux, 1973 REICH, W. **A função do orgasmo.** São Paulo: Brasiliense, 1975

REICH, W. **Análise do caráter.** São Paulo: Martins Fontes, 1995

SELYE, H. Stress without distress. New York: J. B. Lippincott Company, 1974

VOLPI, J. H. **Fundamentos epistemológicos em direção a uma ecopsicologia.** Tese de Doutorado. Curitiba: UFPR, 2007.

José Henrique Volpi/PR - Psicólogo, Especialista em Psicologia Clínica, Psicologia Corporal, Anátomo-Fisiologia, Psicodrama, e Análise Reichiana (Vegetoterapia e Orgonoterapia). Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP) e Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.
E-mail: volpi@centroreichiano.com.br

Dimas Floriani/PR - Sociólogo pela Faculté des Sciences Politiques et Sociales - Université Catholique de Louvain, mestrado em Faculté des Sciences Politiques et Sociales - Université Catholique de Louvain,doutorado - Universite Catholique de Louvain e pós-doutorado em El Colegio de México. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Paraná, - Professor Visitante no IUED (Genebra) e U.de los Lagos (Chile). Professor, Orientador e Pesquisador da UFPR.
E-mail: dimas@reitoria.ufpr.br

Sonia Ana Charchut Leszczynski/PR - Psicóloga, Master of Arts pela University of Iowa, PhD in Education pela University of Iowa, Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
E-mail: soniana@utfpr.edu.br